



As reportagens investigativas no jornal *O Dia*¹

Marcelo ALVES²

Leonel AGUIAR³

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

Resumo

A possibilidade de um acontecimento vir a ser transformado em uma notícia investigativa depende, especialmente, da política editorial do jornal, dos critérios de noticiabilidade e da postura profissional do jornalista. Da pauta até a publicação, a matéria investigativa segue uma rotina produtiva. O primeiro passo desse processo está relacionado à possibilidade de haver uma investigação minuciosa, sofrendo já aí determinadas influências das condições materiais e ideológicas da empresa jornalística. No jornal *O Dia*, objeto de nosso estudo, a construção de matérias investigativas é feita somente após muita negociação com a alta hierarquia. Um jornalista não realiza esse tipo de matéria sem que seus chefes imediatos saibam qual a abordagem pretendida, o local de atuação e, principalmente, os custos da produção.

Palavras-chave: noticiabilidade; newsmaking; jornalismo investigativo; jornal *O Dia*.

Introdução

Diversos foram os textos analisados que tiveram suas construções ou reconstruções feitas a partir do acompanhamento, nas redações, pelo pesquisador. Para dar conta do *modus operandi* do jornal *O Dia* no tocante a matérias investigativas, foram analisadas duas séries de reportagens. Em cada uma, os principais elementos constitutivos típicos desse fazer jornalístico foram explorados, levando-se em conta a realidade da editoria em que foram publicados.

Sendo assim, a idéia principal deste trabalho tem por base identificar como se processa a construção das reportagens investigativas nesse periódico. Para tanto, escolhemos trabalhar, principalmente, com as reportagens realizadas pelos jornalistas

¹ Trabalho apresentado no Intercom Júnior II 01 – Jornalismo do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 13 a 15 de maio de 2010.

² Pesquisador PIBIC/CNPq. Desenvolve pesquisa sobre “Critérios de Noticiabilidade no Jornalismo Investigativo” e participa do GP em Teorias do Jornalismo e Experiências Profissionais. Aluno do Curso de Jornalismo da PUC-Rio. Email marceloifch@yahoo.com.br.

³ Professor do PPG em Comunicação da PUC-Rio e coordenador do Grupo de Pesquisa em Teorias do Jornalismo e Experiências Profissionais. Email: leonelaguiar@puc-rio.br



João Antônio Barros e Pedro Landim, ganhadores de diversos Prêmios Esso, na categoria Regional Sudeste.

No jornal *O Dia*, foi percebido que a partir de seu poder financeiro, de pessoal e posicionamento de mercado criam-se meios para tornar a produção de notícia em algo rentável e que ao mesmo tempo seja capaz de manter seus interlocutores, os leitores, informados sobre os principais acontecimentos.

É sabido no meio jornalístico que as matérias publicadas nos jornais são construídas de acordo com a política editorial do periódico. Se uma dada informação vai de encontro com tal posicionamento, a editoria em questão simplesmente a ignora, tenta dar menos importância a mesma, demora a publicar o assunto e, no caso de se sentir pressionada pelos leitores, toma todo cuidado para não perder a credibilidade. Trazer a tona questões que devem ser de domínio público é um dos principais desafios dos editores de qualquer jornal. A escolha do que deve ou não ser lembrado nas páginas dos jornais diários, como afirma o jornalista Ricardo Noblat (2002) é uma arte.

Estar ciente desse desafio torna os processos de construção de notícia mais fácil. Durante a realização desta pesquisa, que deu origem a esse texto, percebemos que muitos editores para escaparem desse dilema, o de ter o que contar na manhã seguinte, recorrem a prática do agendamento Wolf (2003), utilizando-se quase sempre de matérias de grande impacto na sociedade, como o caso dos textos “A rua do medo” e “O preço da liberdade”.

Conceitos da Teoria do Jornalismo

A idéia principal deste trabalho tem como base mostrar para a comunidade acadêmica a pesquisa que vimos realizando junto à redação do jornal *O Dia*. O objetivo principal desta é saber como se processa a construção das reportagens investigativas nesse periódico. Para tanto, escolhemos trabalhar com as reportagens realizadas pelo jornalista João Antônio Barros e Pedro Landim, ambos ganhadores de Prêmios Esso, na categoria Regional Sudeste.

Sabe-se que desde o surgimento da pauta até a publicação, diversos fatores influenciam o texto final. Entre eles, estão: o diálogo com os postos hierárquicos, os conhecimentos pessoais dos jornalistas, os recursos financeiros do jornal, os instrumentos utilizados para se realizar uma investigação e a própria postura profissional.



Essa constatação somente fora possível devido à realização do projeto de pesquisa PIBIC do Departamento de Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) intitulado “Critérios de Noticiabilidade no Jornalismo Investigativo”, onde se analisam os critérios utilizados pelos jornais *O Globo*, *O Dia*, *Extra* e *Jornal do Brasil* para se chegar ao texto publicado. A referida pesquisa tem como corte metodológico os vencedores do Prêmio Esso que possuam os ditâmes de matéria investigativa.

Partindo destas características, a notícia investigativa parece a mais representativa forma de se fazer jornalismo. Partindo da pauta ou denuncia, este tipo de matéria, mostra-se como uma notícia é uma construção narrativa, cria uma realidade social, não sendo um mero espelho. Quando o jornalista dá início a uma investigação, ele reúne os dados e os testa insistentemente para diminuir as possibilidades de erro.

Lage (2004) revela que toda reportagem pressupõe apuração e investigação, mas a chamada investigativa mostra-se como forma extremada de se criar uma notícia, pois exige longo tempo de trabalho e dedicação. Sodré e Ferrari (1986), Kotscho (1996) e Lage (2004) defendem que a investigação pode até ser iniciada por uma denuncia, porém é no decorrer do processo que ela se consolida, mostra-se como uma matéria diferente das publicadas no dia a dia, aquelas que por vezes não acabam gerando nenhum tipo de agendamento, oq que é algo típico da reportagem investigativa. Esta não só agenda os diálogos nas ruas como igualmente os outros meios de comunicação.

Segundo Waisbord (2000), o jornalismo investigativo possui características próprias, sendo caracterizado pela divulgação de informações de alto valor notícia que são de interesse público. As narrativas investigativas constam ações sobre instituições públicas, governamentais, pessoas ou de empresas que tenham valor simbólico para a sociedade e por isso qualquer fato que as atinja torna-se de evidente interesse.

Para Aguiar,

[as reportagens e as notícias investigativas] resultam do trabalho de apuração das informações pelos repórteres, que não se limitam a reproduzir informações vazadas por fontes informativas para as redações dos jornais [...] Por desempenhar uma relevante função social devido às suas contribuições à governabilidade democrática, a imprensa vincula-se ao princípio da responsabilidade mútua nas sociedades democráticas e revitaliza o espaço público. Por isto, para a realização da reportagem investigativa, torna-se imprescindível o acesso às informações públicas (AGUIAR, 2006, p.75).



É justamente sobre as informações públicas que residem os principais desafios para a construção de uma reportagem investigativa. Fazer uma denúncia que se baseie em documentação de instituições ligadas ao funcionamento do Estado requer, às vezes, entrar com pedido judicial para se ter acesso a mesma. Chico Otávio, repórter especial do jornal *O Globo*, reconhecido pela própria comunidade profissional como um dos melhores jornalistas investigativos do país e um dos maiores premiados com o Esso, afirma que, no Brasil, tanto na esfera pública quanto na privada, existem muitas dificuldades para se realizar um trabalho investigativo a partir de uma denúncia que chega ao jornalista. Em 2004, ao apontar como um dos principais entraves para o jornalismo investigativo o problema do acesso às informações públicas, o jornalista revelou:

Os dados são guardados pelas autoridades como se fossem de uso privado e são distorcidos como muita facilidade (...). O chamado jornalismo investigativo enfrenta imensas dificuldades por causa da falta de regulamentação. Temos de contar com o poder de convencimento, que muitas vezes não basta. Mas não é só ele o único afetado. Quem perde é a sociedade⁴.

Através dessas prerrogativas, Mauro Wolf expõe que uma publicação jornalística está condicionada a uma série de acontecimentos.

O produto informativo parece ser resultado de uma série de negociações, orientadas pragmaticamente, que têm por objeto o que deve e de que modo ser inserido no jornal, no noticiário ou no telejornal. Essas negociações são realizadas pelos jornalistas em função de fatores com diferentes graus de importância e rigidez, e ocorrem em momentos diversos do processo de produção (WOLF, 2003, p. 200).

Os acontecimentos a que o autor faz referência chamam-se noticiabilidade. Este pode ser entendido como um conjunto de operações que racionaliza a produção jornalística com o intuito de produzir informação. Por isso, controla e seleciona os acontecimentos que serão transformados em notícia. Aguiar (2006) explica:

Podemos apontar que noticiabilidade corresponde ao conjunto de critérios e operações através do qual os jornais se utilizam para escolher, diariamente, na multiplicidade dos acontecimentos, a quantidade finita e limitada que se transforma em notícias (AGUIAR, 2006, p. 81).

Sua aplicação está baseada nos valores notícia. Para Wolf (2003),

⁴ A declaração foi dada em palestra ao Seminário de Jornalismo Investigativo, realizado em Minas Gerais, em 26 de junho de 2004.



valores-notícia são critérios de relevância difundidos ao longo de todo o processo de produção e estão presentes tanto na seleção das notícias como também permeiam os procedimentos posteriores, porém com importância diferente (WOLF, 2003, p.202)

Desta forma, ao se criar uma edição de jornal fica a cargo dos editores e repórteres decidirem o que deve ou não ser lembrado no dia seguinte. David White (2000) os define como *gatekeepers*. São capazes de selecionar e construir uma realidade social a partir da forma de percepção do mundo ao seu redor, subjetivo, portanto. Estes designam uma determinada realidade. Criam, de acordo com a política editorial, uma melhor forma de se divulgar aquilo que fora escolhido, sempre de forma a construir uma narrativa.

Este aspecto da comunicação de massa, de uma sociedade espetacular é muito criticado por alguns pesquisadores, como Cecília Peruzzo (2006), que defendem a existência de diversos operadores do discurso para que haja uma comunicação democrática. Seus trabalhos tentam dar conta do processo comunicacional das mídias comunitárias. Para ela, a chamada grande mídia, como é o caso do *O Dia*, constituem um universo muito reduzido quando comparado ao público alvo a que se destina. E, assim sendo, controlam o fluxo informacional que circulam por um país. Criam os agendamentos que lhes são mais interessantes.

Dentro desse contexto, Breed afirma:

Numa democracia plena os únicos controles seriam a natureza do acontecimento e a habilidade do repórter para descrevê-lo. No entanto a aceitação não é automática por três razões: a existência de normas de ética jornalística; o fato de os subordinados tenderem a ter atitudes mais liberais do que o *Publisher* e poderem invocar as normas para justificar escritos contra a política; o tabu ético impedindo o *Publisher* de obrigar os subordinados a seguirem a sua orientação (BREED, 2000, p. 152)

Além disso, os empresários da comunicação tratam o jornal como um produto industrial que visa ao acúmulo de capital. Para não caírem em um modelo idiossincrático quanto à elaboração de notícias, organizam as redações e otimizam o processo produtivo. Esse conjunto de normas e regras são apreendidos pela alta hierarquia de uma redação, passado para a estrutura editorial e apreendida pelo corpo de funcionários, entre eles os jornalistas (BREED, 2000).

Por isso, pode-se dizer que no jornalismo existem pelo menos dois aspectos que devem ser levados em consideração quando o assunto for notícia. O primeiro diz



respeito aos critérios que são utilizados para se transformar um fato qualquer em um discurso jornalístico, intermediado pelo gatekeeper. Outro fator de importância, diz respeito ao setor financeiro. Um jornal quando vai para a rua, tem que ser vendido, gerar lucro para o dono do periódico. É isso que sustenta todo o esquema. A notícia publicada nasce preparada para ser consumida como outra mercadoria qualquer.

Marcondes Filho (1986) diz que diante a transformação da narrativa noticiosa em mercadoria, as redações jornalísticas se modernizam, a fim de garantir a notícia o maior valor de uso possível. Foi justamente isso que os grandes jornais fizeram, principalmente na década de 1990. Os periódicos do Rio de Janeiro se modernizaram nessa época. A começar pelo parque gráfico. Assim fizeram os jornais *O Globo*, *O Dia* e *Jornal do Brasil*. As capas e os infográficos tornaram-se cada vez mais chamativos e parte integrante da notícia.

Bird (2000) expõe que para compreender o que são as notícias temos que nos afastar da dicotomia importante/interessante. Deve-se olhar para a estória noticiosa como um todo, como produto de uma atividade produtiva, não somente para o profissional de comunicação, mas também, como estórias individuais, dos atores sociais, que se inserem em um contexto maior. O jornalista, como um gatekeeper, faz um recorte da realidade a que está condicionado. Bird explica que considerar as notícias como narrativas, “não nega o valor de considerá-las como correspondentes da realidade exterior. As notícias enquanto abordagens narrativas não negam que as notícias informam” (BIRD, 2000, p.263/264).

Assim, o *lead*, dispensa o suspense, comumente presente nas estórias relatadas no dia a dia. O jornal deve contar as estórias como narrativa diferente do modo que uma pessoa conta algo para a outra. As técnicas de redação condicionam essa área do conhecimento. É importante que as notícias enquanto narrativas informem levando em conta o leitor. Pois enquanto a pirâmide invertida é um instrumento (técnico) eficiente para o jornalista, pode ser um desastre para o leitor, já que, embora as notícias não sejam ficção, é uma estória sobre a realidade, não a realidade em si.

Ter a notícia como algo construído, nos remete a teoria do newsmaking. Esta tem como base o paradigma da construção social da realidade. Como afirma Tuchman (1977, p. 94), *a notícia constrói uma representação da realidade social*; ou seja, a notícia é uma construção narrativa da realidade e não um “espelho” *desse real*. Ou, conforme explica Aguiar:



As notícias – e também as reportagens – não refletem os acontecimentos que se dão a ver, mas são antes de tudo construções narrativas que produzem condições de possibilidades através das quais a realidade se dá a conhecer (AGUIAR, 2007, p.81)

Assim, reforçando a idéia principal da teoria do *newsmaking*, Traquina cria distinções entre este modelo e seu oposto, a teoria do espelho, onde a notícia é reflexo do real. Traquina escreve que:

O filão da investigação que concebe as notícias como construção da realidade rejeita as notícias como espelho por diversas razões. Em primeiro lugar argumenta que é impossível estabelecer uma distinção radical entre a realidade e os *media* noticiosos que devem refletir essa realidade, porque as notícias ajudam a construir a própria realidade. Em segundo lugar, defende a posição de que a própria linguagem não pode funcionar como transmissora direta do significado inerente aos acontecimentos, porque a linguagem neutra é impossível. Em terceiro lugar, é da opinião de que os *media* noticiosos estruturam inevitavelmente a sua representação dos acontecimentos, devido a diversos fatores, incluindo os aspectos organizativos do trabalho jornalístico, as limitações orçamentais, a própria maneira como a rede noticiosa é colocada para responder à imprevisibilidade dos acontecimentos (TRAQUINA, 2004, 168/169).

Todas as pesquisas de *newsmaking* têm, em comum, a técnica da observação participante, pois permite reunir e obter sistematicamente os dados fundamentais sobre as rotinas produtivas que operam na indústria jornalística e no processo de produção da notícia. A escolha dessa teoria visa dar conta de como é realizado o processo de construção da representação da realidade social elaborada pela mídia jornalística.

Como desdobramento, outro pressuposto teórico ao qual estamos amparados está baseado na prática de análise etnográfica estabelecida por Clifford Geertz. A partir da descrição densa, conceituada em *Interpretação das Culturas*, fez-se uma imersão no ambiente de trabalho onde se processa a criação das reportagens. Através da observação participante puderam-se constatar quais foram os principais meios perseguidos pelo jornalista para se conseguir publicar a matéria.

Uma descrição da prática jornalística

Dizer que o jornalista é um sujeito inquieto parece algo redundante, mas quando estamos diante o ganhador do Prêmio Esso Regional Sudeste de 2005 do jornal *O Dia*, Pedro Landim, essa frase passa a ter um efeito inesperado. Enquadrado dentro do



processo industrial de notícia, o referido jornalista atuante na editoria de Cultura, o *Caderno D*, atravessado por um misto de indignação e coragem ele passou alguns dias no local onde, na semana anterior ocorrera uma chacina. Estamos falando do massacre de inocentes ocorrido no Bairro da Posse em Nova Iguaçu, região metropolitana do Rio de Janeiro.

Com o título “A rua do medo”, a narrativa mostra como a tragédia modificou a vida das pessoas que ali residiam. Após muitas negociações com os editores do jornal, Landim escolheu vivenciar a rotina daqueles que ainda sentiam o temor de morar em um local onde a presença do Estado faltava em todos os lugares para onde se olhava. Mesmo para jornalistas que está acostumado a cobrir tráfico de drogas, roubos ou assaltos o intento era bastante “barra pesada”.

Para que tudo desse certo era necessário se calçar de todos os cuidados possíveis. O primeiro deles era ter onde e de que forma ficar próximo ao local onde tudo aconteceu. E mais, revelar ou não ser um jornalista. Dentro da redação poucos sabiam da aventura. Quanto menos se falava sobre essa aventura, melhor. Uma equipe foi formada. Os primeiros passos foram no sentido de produzir a matéria. Assim, a equipe conseguiu alugar uma casa bem em frente a um dos bares onde foram feitas diversas vítimas. Somente o jornalista ficou por lá. Ele além de apurar a matéria ele também fazia a fotografia.

Estar presente e dividir o espaço com outros atores sociais transformaram o jornalista em coadjuvante do fato. Como um antropólogo em campo ele não desgrudava do seu caderno de anotações. Já alojado em uma quitinete, seu meio de contato com a redação se fazia através de um telefone celular. Todos os seus passos deveria ser comunicado ao editor. Essa era a regra, descumpri-la não estavam nos planos de ambos, jornalistas e setores hierárquicos.

À noite a própria experiência de estar em um local estranho, causava certo desconforto ao jornalista. Tentando passar despercebido, ele andava com o mesmo vestuário da maioria dos moradores do local, chinelo, bermuda e camiseta. Esses elementos foram criados para que o jornalista estivesse ao máximo inserido naquele ambiente. Embora, conforme ele mesmo afirma, todos que ali residiam sabiam que eu era um ser estranho.

Fazendo valer a idéia de que lugar de jornalista é na rua, Landim ficava sempre a vagar pelo bairro, encontrava crianças tentava conversar com os vizinhos e, principalmente entender como tudo aconteceu. O mundo inteiro havia tomado



consciência do que acontecera em Nova Iguaçu e Queimados. O assunto, a partir dos jornais e telejornais, fazia parte da agenda diária dos cariocas. Não se falava outra coisa, por isso era necessário buscar novidades.

Um jornal “vive” do exótico, do extraordinário, e essa forma de construção narrativa parecia ser um bom exemplo. Através de um texto bastante descritivo, o jornalista recriou o ambiente da tragédia para quem o lê: “Ruas vazias, mal iluminadas e as poucas pessoas que chegam do trabalho estão assustadas”. Landim revela em depoimento publicado no *box* da matéria principal que:

A idéia era chegar ainda coma luz do dia, para reconhecer o terreno e me instalar num pequeno quarto alugado, passando duas noites numa esquina da rua que estive nos últimos dias em páginas de jornais de todo o mundo. Um engarrafamento prejudicou o plano, e minha aparente segurança terminou assim que escureceu. Na rua, tentando em vão passar despercebido de bermuda e chinelo – uniforme oficial da área –, fui filmado de todas as formas pelos moradores. A desconfiança é enorme, e quase sempre a conversa silenciava com a minha aproximação. Circulando na rua vazia, tentava me convencer de que o pior já tinha passado, mas o frio na barriga é inevitável quando a última televisão é desligada na vizinhança. Ainda mais quando a porta do quarto é defeituosa e não fecha direito. Ouvindo sons esparsos na madrugada, de buzinas, motores de carros, aviões e até fogos de artifício, tive a clara sensação de estar num cativo. Que bom que os dias amanhecem (LANDIM, 2005 p. 18).

Após a matéria ser publicada, no dia 10 de Abril de 2005, outros jornalistas da redação não acreditavam na façanha de Landim. Todos da redação do *O Dia* sabiam que tinha em mãos um bom material jornalístico e que poderiam, sem dúvidas, concorrer a prêmios. Para a surpresa de todos, cinco meses depois o jornalista negociou a sua volta ao mesmo local para se certificar das mudanças prometidas pelo governo do Estado, como mais segurança e lazer para a população. A essa altura, onze policiais já haviam sido presos, acusados de praticarem a chacina. Era necessário que o jornalista investigasse no local a forma com que o governo estava tratando a questão, que para muitos ainda era recente, e a opinião da população após as prisões.

O pernoite foi mais tenso que se imaginava, qualquer barulho carros causava incomodo. Na manhã seguinte deu-se o início a buscas de personagens. Todos, dessa vez, sabiam de sua identidade profissional e origem.

Com a ida a campo, descobriu-se que diversas histórias se cruzaram, tendo como elo a morte dos 29 pessoas. Observou-se que o medo era o mais notório dos sentimentos. Aliado a tristeza e revolta. O carro da polícia, que após a tragédia passou a fazer ponto no cruzamento principal do bairro, estava desaparecido há dois meses.



Com a vida modificada pela violência, o bairro ainda continuava como uma cidade fantasma. O comércio da região que gerava empregos para os moradores locais dava sinais de falência. Loja, padaria e mini-mercado fechavam mais cedo. Os imóveis que antes valiam pouco passaram a valer muito menos ainda. Sobre essa nova fase da investigação o jornalista descreve:

Voltando à Rua Gama para pernoitar no ponto que virou símbolo da maior chacina já ocorrida no estado, a primeira constatação importante na jornada foi que o medo não permanece o mesmo com o passar do tempo. Ele aumenta. Quando estive na rua há cinco meses, entre visitas de autoridades, policiamento ostensivo e evangélicos disputando com católicos a atenção dos moradores no asfalto, havia uma certa sensação de segurança, e a todo momento eu tentava me convencer de que o pior havia passado. Agora, porém, sem polícia na rua e vendo fechada a metade das lojas que antes funcionavam, dividi com os moradores o sentimento de que, se não o pior, algo desagradável poderia acontecer. Não sei precisar quantas vezes ouvi a palavra ‘medo’ nas entrevistas que fiz pela rua, sempre seguida de reclamações com o descaso das autoridades e revelações por vezes arrepiantes, como as da mulher cuja história está aqui ao lado nesta página. Para uma rua que – todos por lá comentam – já foi o maior ponto de encontro e convívio social da região, outra observação válida: nas duas noites, percebi exatamente as mesmas caras na rua, nos mesmos lugares. Há um grupo pequeno e invariável de moradores que sai à noite. Sem falar na ausência das crianças, que há cinco meses pareciam maioria brincando na rua. É certo que nem todos estavam no Bar do Caíque na hora da chacina, mas não há na Rua Gama quem não se considere sobrevivente do massacre (LANDIM, 2005 p. 12)

A forma encontrada pelo jornalista Pedro Landim para se chegar ao produto final, ou seja, aos textos publicados, levaram em conta o que a redação tinha para oferecer naquele momento. Os recursos mais utilizados foram a própria inquietação dos profissionais em divulgar relatos sobre o ambiente pós crime, elementos básicos como transporte, recursos financeiros para o aluguel da quitinete, câmeras fotográficas, gravadores e, principalmente a retirada do jornalista das pautas a que estava acostumado. Durante uma semana, em cada etapa, o jornalista e equipe somente trabalharam na construção das reportagens. Depois de concluídas as matérias e achando ter em mãos uma boa narrativa a equipe escreveu os textos no Prêmio Esso e saiu vitoriosa na noite de premiação, com o Esso Regional Sudeste.

Outro bom exemplo de como se investigar e produzir uma matéria de grande impacto social foi feito pelo jornalista João Antônio Barros, também do jornal *O Dia*. Ele diz preferir trabalhar com linhas mais populares, junto à população mais excluída dos processos de construção da cidadania. A forma encontrada por ele para diminuir o impacto da ausência do Estado em determinadas áreas do Rio de Janeiro está sempre



ligada a uma boa investigação jornalística, principalmente em relação ao crime hediondo, roubo ou desvios de recursos públicos.

Muitos dos que passam por seus textos acabam por se tornarem fontes e consumidores do tipo de jornalismo que pratica. Foi através dessa prática que chegou a seu conhecimento a denúncia de que existiam nas cadeias do Rio de Janeiro presos com tratamento “vip”. Onde a nata do tráfico de drogas e os criminosos do chamado “Colarinho branco”, todos com muito dinheiro, tinham privilégios, vida bastante tranqüila. Recebiam visitas, drogas, telefones, comidas de restaurante, áreas “privadas”, dinheiro em espécie e outros benefícios proibidos por lei.

Assim foi construída a série de reportagens intitulada “O preço da liberdade”, sobre os presídios do Rio de Janeiro e Prêmio Esso Região Sudeste de 1999. Publicada em capítulo, a série trazia, a cada dia, títulos sobre tudo o que estava acontecendo dentro do sistema carcerário do Rio de Janeiro. Assim, o primeiro denominou-se “Corrupção”; o segundo, “Mordomia”; o seguinte, “Poder”. O quarto capítulo, “Humilhação”; o quinto, “Globalização”; o sexto, “Gula”; o próximo, “Drogas”; e, por último, “Dinheiro”. Em cada um, o jornalista tentava dar a dimensão do que eram os presídios. Os títulos mostraram os elementos que mais se destacaram durante a passagem do jornalista pelas prisões e que comprovavam as denúncias recebidas. Pode-se dizer que nessa série a investigação chegou ao máximo de sua potencialidade.

João Antônio revelou que a simples entrevistas com os presos ou funcionários públicos não seria suficiente para se registrar em forma de texto a denúncia, pois a prática encontrada pelos criminosos, segundo o jornalista era a de negar sempre. Assim, nada seria mudado e o jornal não cumpriria sua função social. A repercussão e o agendamento não teriam o efeito que teve.

O início como sempre, se deu com o trabalho de produção, em sua maioria, realizada pelo próprio jornalista. O passo seguinte foi o de intensa negociação com os setores hierárquicos e jurídicos do jornal. Barros desejava entrar em um “campo proibido”, vivenciar o dia-a-dia de uma prisão para saber o como se dava as regalias no ambiente que segundo os códigos jurídicos deveriam servir para o confinamento e reeducação.

Entre a denúncia e a publicação da matéria foram dois meses de intenso trabalho e negociação entre o jornal e órgãos do Governo do Estado do Rio de Janeiro, principalmente o governador Antony Garotinho. Gastou-se muito mais tempo tentando viabilizar a matéria do que propriamente para construir a mesma. Para a realização da



matéria, uma série de questões deveria ser bem discutida para que o jornalista pudesse entrar no mais famoso presídio da época, o Bangu II, disfarçado como preso – o que foi recusado pelo governo do Estado. Os riscos para o profissional eram imensos.

A forma de inserção no presídio se deu através da invenção de um suposto levantamento, trabalho antropológico, análise dos presos do Rio de Janeiro. Fato que no primeiro momento, os presos ficaram intrigados, mas logo depois, já dialogavam, faziam muitas perguntas. A idéia inicial era que nem mesmo os funcionários do presídio soubessem que se tratava de um jornalista. A identidade profissional foi escondida de todos. Sabiam apenas o seu nome, porque os documentos apresentados para se estar ali eram verdadeiros.

Apenas três pessoas de fora do jornal sabiam da empreitada do jornalista, o governador, o secretário de segurança pública e o vice-secretário de segurança pública. Foram 22 dias na cadeia sem qualquer diferenciação dos demais presos. O material de trabalho neste local contava com papel, para anotar os nomes dos presos e câmera fotográfica. Esta última, alvo de muitos questionamentos por parte dos presidiários. Vários deles não queriam ser fotografados em hipótese alguma.

Todo o caminho percorrido por um criminoso para se chegar aos presídios de segurança máxima foi realizado pelo jornalista. O primeiro, chamado de “passagem”, foi o presídio Ari Franco, onde ficou por dois dias; depois, o presídio de Niterói, conhecido por ser um local que concentra um grande número de criminosos da classe média, pessoas com maior poder aquisitivo, permanecendo por seis dias; e, por fim, Bangu II, por duas semanas. Nesse período, foram catalogados pelos jornalistas os hábitos da vida carcerária: as maneiras de se conseguir quaisquer “mercadorias” – desde um simples cigarro até drogas e carteira falsa de visitas –, as palavras utilizadas pelas facções e, principalmente, o “manual de sobrevivência”, onde a primeira regra diz que “tudo tem um preço, não há tabela fixa”.

A reportagem foi construída após a saída do jornalista do último presídio. Somente após o retorno do jornalista para a redação é que os demais jornalistas tomaram ciência da aventura. Para melhor esclarecer os leitores foi necessário criar uma equipe que, com o auxílio do setor de pesquisa, do material fotográfico, reportagens anteriores e outros dados sobre os criminosos presentes no texto final foram capazes de dimensionar o tamanho daquilo que se estava denunciando nas páginas do jornal. Tudo foi sendo organizado a partir da escrita solitária do jornalista.



Nesse tempo os editores já sabiam que tinham uma verdadeira “bomba relógio em mãos”. Setores do Estado e o próprio governador tendo idéia do material colhido em campo pediram para que a publicação fosse adiada. A diretoria do jornal, que havia acompanhado a construção da matéria, dado todos os recursos, como dinheiro e pessoal a disposição não admitia adiar em um dia sequer a data prevista para que o texto chegasse às bancas.

A denúncia causou indignação na população. O jornal vendeu milhares de exemplares e os órgãos competentes mexeram estrutura de diversos presídios. Funcionários foram detidos, afastados e vários responsáveis por presídios, cargo de confiança, foram exonerados. O ponto principal da matéria foi mostrar que a corrupção interna aos presídios provoca uma série de outros problemas na sociedade. Denunciava a incapacidade do Estado em manter criminosos, devidamente presos, sem contato com o mundo exterior. Ao se construir a matéria, percebeu-se que a única diferença entre a vida carcerária dos chefes do tráfico e a dos criminosos ricos em relação ao mundo exterior estava no fato daqueles não poderem sair da cadeia.

Outro ponto importante e comum ao jornalista investigativo é a ameaça de morte. Com João Antônio não foi diferente. Muitas mordomias foram proibidas, presos e funcionários transferidos para outros presídios, “muita gente perdeu dinheiro com reportagem”. Segundo o jornalista, percebeu-se que durante alguns meses o esquema enfraqueceu, mas logo voltou ao normal. Até hoje, ainda chega à redação do jornal *O Dia* denúncias de que criminosos estão numa boa na cadeia. Recentemente foi constatado que o ex-policial civil Álvaro Lins e o banqueiro Salvatore Cacciola comiam lagosta na cadeia.

Considerações finais

Fazendo-se um levantamento sobre as reportagens premiadas com o Esso pode-se registrar que grande parte possui alto valor notícia e grande apreço por parte do público. Essas reportagens produziram importante impacto na sociedade ocasionando ruptura na estrutura em que foram construídas. Muitas denunciam problemas sociais de origem diversas, como tráfico de drogas e de influência, desvio de dinheiro público, crimes hediondos etc.

É uma característica da matéria investigativa ser cuidadosamente construída, diminuindo-se os erros e verificando incessantemente os dados apurados. Esse zelo



deve-se ao grau de importância dada ao conteúdo da mesma. Acrescenta-se a credibilidade do interlocutor, já que para se chegar ao status de realizar determinadas investigações, devem-se ter alguns anos de carreira e que esta seja reconhecida pelos próprios companheiros de profissão.

Quanto mais complexas mais devem ter seus elementos depurados no decorrer do processo. Essas reportagens são construções narrativas da realidade, e que buscam chamar atenção do público leitor. Suas qualidades são percebidas pela comissão julgadora, por isso são escolhidos como os melhores textos publicados ao longo do último ano. Geralmente esse tipo de publicação constitui enorme retorno financeiro para o jornal.

Referências bibliográficas

AGUIAR, Leonel. O jornalismo investigativo e seus critérios de noticiabilidade: notas introdutórias. **Alceu**, v.7, n. 13, p. 73-84, jul./dez. 2006.

_____. Ensinar as práticas a partir da Teoria do Jornalismo: uma proposta pedagógica. In: Encontro Nacional de Professores de Jornalismo, 10. **Anais...** Goiânia, 2007.

BIRD, Elizabeth; DARDENE, Robert. Mitos, registros e estórias: explorando as qualidades narrativas das notícias. In: TRAQUINA, N. (org.). **O poder do Jornalismo: análise e textos da teoria do agendamento**. Coimbra: Minerva, 2000. p. 263 -275.

BREED, Waren. Controle social na redação. In: TRAQUINA, N. (org.). **O poder do Jornalismo: análise e textos da teoria do agendamento**. Coimbra: Minerva, 2000. p. 152-166.

LAGE, Nílson. **A reportagem**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia**. São Paulo: Ática, 1987.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. São Paulo: Contexto, 2002.

PERUZZO, Cicília. Revisitando os conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária. Trabalho apresentado ao Núcleo de Pesquisa “Comunicação para Cidadania”, do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Brasília Distrito Federal, 2006.

SODRÉ, Muniz. **A Reportagem como Gênero Jornalístico**. Rio de Janeiro: Summus, 1986.

TRAQUINA, Nelson (org). **Jornalismo: questões, teorias e ‘estórias’**. Lisboa: 1993.

_____. 2004. **Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são**. Vol. 1. Florianópolis: Insular.

TUCHMAN, Gaye. **Making news: a study in the construction of reality**. New York: The Free Press, 1977.



WHITE, David Manning. O gatekeeper: uma análise de caso na seleção de notícias. In: TRAQUINA, N. (org.). **O poder do Jornalismo**: análise e textos da teoria do agendamento. Coimbra: Minerva, 2000. P. 142 – 151.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 2003.

[WWW.premioesso.com.br/Prêmio Esso/Prêmio Esso de Jornalismo 56](http://WWW.premioesso.com.br/Prêmio_Esso/Prêmio_Esso_de_Jornalismo_56). Acessado em janeiro de 2009.